



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

SÃO PAULO, 20 DE SETEMBRO DE 1957

NA INAUGURAÇÃO DA IV BIENAL DE ARTE
DE SÃO PAULO.

822 Quis comparecer pessoalmente à inauguração da IV Bienal de São Paulo, para que, bem nítido, ficasse demonstrado o interêsse do Estado brasileiro numa exposição da importância desta, cujo êxito, num crescendo incessante, vem patentear, de forma lisonjeira, que o adiantamento artístico de nosso povo acompanha as mais evoluídas e, mesmo, ousadas manifestações de arte.

823 Podemos orgulhar-nos do desenvolvimento que atingimos neste particular, no Brasil.

824 Já não se espanta ou reage o povo, com brutalidade, diante das formas novas que antecipam constantemente manciras de ver e sentir o conteúdo do mundo; ao revés, vamos verificando que está amadurecendo o entendimento de todos, que nos aproximamos de uma época em que os realizadores mais

avancados encontram quem os abrigue e anime, quem de verdade sinta o que desejam exprimir.

Já começam a rarear os meios inadaptáveis aos 825
gênios, aos artistas renegados, aos que enfrentaram o martírio dos tempos difíceis, aos que atravessaram durante a vida o deserto, àqueles cujos frutos, só depois de ausentes, a glória, como um verdadeiro sol dos mortos, aqueceu e iluminou.

Não há hoje experiência que não possa ou não 826
deva ser tentada; não há ousadia em matéria de arte que não tenha ressonância. Os pioneiros deixaram de ser tratados com rigores excessivos, quando não com monstruosa hostilidade.

Já não há Van Gogh isolado, desdenhado, com 827
obras-primas sem comprador. Já não há artista padecendo de solidão, sem ouvir o eco de suas obras. Ao contrário, a divulgação das lições do passado, dos crimes cometidos pela incompreensão militante contra grandes artistas maltratados, não só produziu o receio de errar, o medo de não ver certo, a desconfiança sobre o valor da simples opinião, mas ainda agiu no sentido de conter, reduzir, enfraquecer a prepotência dos que se atribuíam o direito de julgar de maneira decisiva sobre o que não logravam perceber.

Passou a hora de um qualquer ter a veleidade de 828
subestimar um Wagner, ou de pilheriar de um quadro. A glória dos que serviram de objeto de desdém do público, no dia de ontem, impõe respeito nos dias que correm. Os artistas, vítimas de impropérios, ocupam lugares os mais notáveis nos museus, defendem, com suas vitórias póstumas, as novas gerações de criadores que não se limitam a repetir o que outros fizeram, mas se esforçam por imprimir, nas produções, a própria marca e a marca de um tempo.

O temor do ridículo no julgamento da posteridade, 829
a que se fizeram imunes os bem-pensantes do fim

do século passado, tornando impossível a vida dos impressionistas — êsses lúcidos artistas do ar livre que o futuro veio a consagrar mestres do equilíbrio —, êsse temor do ridículo emudece os menos sensíveis de hoje.

830 Mas não é apenas isso. É que a arte voltou a ser o que fôra em épocas augustas: não sòmente monopólio de ricos, mas bem comum do povo.

831 O povo, agora, participa da vida artística, adere, discute, sente, percebe, realiza, verifica. Não sobreviveu a ditadura do pequeno espírito acanhado, a ditadura do gôsto meramente apurado, cujo fundamento eram os bens da fortuna. A arte já não é unicamente deleite e distração da sociedade, enlêvo e capricho de ricos; já não é uma ilha, abrigo de diletantes em férias, mas interpretação do mundo, manifestação do poder, de angústia, de alegria e de plenitude dos anseios do homem em face do mistério da vida humana.

832 A minha presença nesta IV Bienal de São Paulo traduz a integração do Estado brasileiro na orientação que se imprimiu a êste certame, orientação de respeito à liberdade criadora do artista, o que significa, em outros têrmos, reconhecer-se e proclamar-se que o criador é que sabe o que pode e deve fazer com a sua criação; que não há oposição que resista à fôrça do artista, configurador de um mundo.

833 Não me aventuro a pronunciar-me em matéria de arte. Lembro apenas que tenho estado atento e receptivo ao sôpro da renovação artística que percorre o mundo, e que não é de hoje o meu amparo ao que anima esta Bienal.

834 Quero ressaltar, também, o que vale esta mostra como vitória de arte, como fidelidade a uma expressão universal.

Quarenta e três países concorrentes, de tendências 835
as mais desencontradas, nela se associam e se harmo-
nizam.

A Bienal é uma espécie de pátria comum de 836
idéias, de modos de ver, de choques e afirmações do
tempo presente. O critério que regula esta famosa
exposição é o da qualidade. Figurativos, concretos,
tachistas, filhos de todos os quadrantes do mundo se
apresentam e se representam aqui.

Sabemos que as escolas surgem e desaparecem; 837
que as condições artísticas mais ardentes são tão pe-
recíveis como as próprias civilizações. Salvam-se e
resistem ao grande júri, ao júri supremo, que é o
tempo, os reais valores humanos, os artistas enraiza-
dos profundamente na verdade, os que revelaram uma
nova e diferente face do mundo.

A Bienal procura os valores permanentes e não 838
as escolas ou as convicções efêmeras.

Inegavelmente, honra-se o Brasil em abrigar esta 839
magnífica exposição. Honra-se São Paulo. Não po-
deria deixar de apoiá-la o meu governo, cuja pre-
sença, na pessoa de seu chefe, exprime compreensão
ao esforço de homens da envergadura de Francisco
Matarazzo Sobrinho e de muitos outros que se nutrem
da superior ambição de estar a serviço da elevada
causa do aprimoramento espiritual e cultural dos
brasileiros.